



EL PROFESOR COMO INVESTIGADOR: ¡ACCIÓN YA!

Autor

Armando Terribili Filho (terribiliar@yahoo.com.br)

Título en inglés

The teacher as a researcher: hands-on.

Tipo de artículo

Artículo de reflexión no derivado de investigación.

Eje temático

Docencia investigativa.

Resumen

El texto presenta la importancia de la investigación en el día a día del profesor, mostrando que investigación y docencia son indisolubles: sea investigación *stricto sensu* (en nivel de maestría o doctorado) o de su práctica pedagógica, aquella que el profesor debe y puede hacer en su cotidiano. Este artículo presenta los resultados de dos trabajos desarrollados en sala de aula: el primer con 117 alumnos de post-graduación de las ciudades de São Paulo y São José dos Campos (ambas en Brasil), para validar si la retención de conocimientos está asociada con el uso de los sentidos, o sea, si la comentada relación de retención 20%, 30% e 50% es verdadera: 20% para oír, 30% para oír y ver, y 50% para oír, ver y hacer. La segunda investigación fue hecha con 75 alumnos de post-graduación de una única institución de enseñanza de la ciudad de São Paulo, que ya son o que serán profesores de enseñanza superior. Esta investigación mostró cuales fueran los profesores más inolvidables que han tenido, quienes fueran estos profesores, cuales los atributos que tenían, si e fuera posible, que mensajes mandarían hoy para esos profesores.

Abstract

This text presents us how important is the research in the day-by-day of the teacher, showing that researching and teaching are parts of the same object: the human knowledge. Research can be qualified as two types: *stricto sensu* (work developed in order to obtain master and doctor degrees) and pedagogical practices (work developed during teaching activity in order to improve the performance). This text also displays the results of two researches: the first one was done with 117 post-graduation students from the Brazilian cities of São Paulo and São Jose dos Campos, to verify if the known relation 20%, 30% e 50% (20% to hear; 30% to hear and to see; and 50% to hear, to see and to practice), related to the retention of information using the senses is true. The second research was done with 75 post-graduation students from a single education institution of São Paulo, who already are undergraduate teachers or are studying to be.



This investigation has showed which were the most memorable teacher they have had during their lives, who were those teachers, their attributes, and if possible, what would be the message to be sent to them today.

Resumo

Este texto presenta a importância da pesquisa no dia-a-dia do professor, mostrando que pesquisa e docência são indissociáveis: seja pesquisa stricto sensu (em nível de mestrado ou doutorado) ou de sua prática pedagógica, aquela que o professor deve e pode realizar no seu cotidiano. Este artigo apresenta os resultados de dois trabalhos desenvolvidos em sala de aula: o primeiro com 117 alunos de pós-graduação das cidades de São Paulo e São José dos Campos, a fim de validar se a retenção de conhecimentos está associada com o uso dos sentidos, ou seja, se a comentada relação de retenção 20%, 30% e 50% é verdadeira: 20% para ouvir, 30% para ouvir e ver e 50% para ouvir, ver e fazer. A segunda pesquisa foi efetuada com 75 alunos de pós-graduação de uma única instituição de ensino em São Paulo, que são ou serão professores do ensino superior. Esta pesquisa mostrou quais foram os professores mais marcantes para eles, quem eram estes professores, quais os atributos que tinham e, se possível, que mensagem mandariam hoje para esses professores.

Palabras clave

Enseñanza-aprendizaje; práctica pedagógica; retención de información; atributos del profesor.

Key words

Teaching-learning; pedagogical practices; information retention; teacher attributes.

Palavras-chave

Ensino-aprendizagem; prática pedagógica; retenção da informação; atributos de professor.

Datos de la investigación, a la experiencia o la tesis

No aplica

Trayectoria profesional y afiliación institucional del autor o los autores

Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) campus de Marília (SP) e mestre em Administração de Empresas pelo Centro Universitário Álvares Penteado (FECAP) em São Paulo (SP). Bacharel em Matemática pelo Centro Universitário da Fundação Santo André na cidade de Santo André (SP), com licenciatura plena pelas Faculdades Associadas do Ipiranga em São Paulo (SP).

Referencia bibliográfica completa

Terribili Filho (2009). El profesor como investigador: iacción ya! (Artículo de reflexión no derivado de investigación) Revista Q, 4 (7), 12, julio-diciembre. Disponible en: <http://revistaq.upb.edu.co>



Cantidad de páginas

12 páginas

Fecha de recepción y aceptación del trabajo

24 de enero de 2009 – 16 de julio de 2009

Aviso legal

Todos los artículos publicados en REVISTA Q se pueden reproducir en otros medios de comunicación sin ánimo de lucro, siempre y cuando se cite la fuente completa: tanto los datos del autor del artículo como de la publicación. En medios con ánimo de lucro se debe contar con la autorización expresa del autor; en tal caso se debe citar la fuente completa de la publicación original (incluyendo los datos del autor y los de la Revista).

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, contatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2007, p. 29).

Introdução

Sempre abominei teses, dissertações e artigos científicos escritos na primeira pessoa do singular, pois os avaliava como textos carregados de egocentrismo. Nas orientações de trabalho de conclusão de curso, sempre recomendei fortemente que meus orientandos utilizassem a forma impessoal em seus textos. Confesso que atuava como um crítico ferino, não poupando pesquisadores, cientistas, estudiosos e professores do alvo de flechas portadoras de palavras ásperas e rudes. Depois de refletir na frase do filósofo espanhol Savater (2000, p. 100) que os professores só podem ensinar os usos responsáveis da liberdade, não aconselhar os alunos a renunciarem a ela, decidi escrever um artigo baseado em minha experiência pessoal, reportando pesquisas realizadas em sala de aula junto a alunos de pós-graduação. Desta forma, este artigo, que em verdade é um depoimento, para se tornar intenso e crível teve de ser escrito com verbos e pronomes utilizando a primeira pessoa do singular. Se por um lado, dou minha mão à palmatória por utilizar o "eu"; por outro, aceito as críticas endereçadas a este estilo que pode denotar individualismo e egoísmo. Em ambas as situações, peço que as críticas se centrem ao conteúdo da pesquisa, das observações, dos resultados e das conclusões.

A pesquisa teve início em 2007, quando fui convidado por uma instituição de ensino superior localizada na cidade de São Paulo para atuar em seu curso de pós-graduação *lato sensu*, intitulado "Formação de professores para o ensino superior", ministrando a disciplina "O professor como pesquisador". Num primeiro momento, senti-me envaidecido e orgulhoso. Em seguida,



preocupado com o conteúdo a ser ministrado. Desnecessário dizer que as pesquisas sobre esta disciplina começaram imediatamente e permanecem até hoje contínuas, freqüentes e acesas – diria que é como uma ferida que não cicatriza jamais, por intenção do próprio portador. Isto é evidenciado por Paulo Freire, quando afirma que professor pesquisador não é qualidade ou forma de ser ou atuar que se acrescente à de ensinar, pois segundo o autor, isto faz parte da natureza da prática docente: a indagação, a busca e a pesquisa. Freire (2007, p. 29) afirma que a formação do professor é permanente e que ele deve se perceber e se assumir como pesquisador.

Depois de rever a bibliografia recomendada sobre o tema, comeci a estruturar os conceitos, conhecimentos e experiências para construir “tijolo por tijolo”, aquilo que como um estudante e pesquisador em um doutorado em Educação (por quatro anos) não tivera a oportunidade de organizar de forma estruturada, claramente moldada e apresentada de forma didática. As pesquisas antes de iniciar o curso foram significativas utilizando renomados educadores como os norte-americanos John Dewey (1859-1952) e seu orientando de doutoramento Donald Alan Schön (1930-1997), a portuguesa Isabel Alarcão, o espanhol Jose Contreras, o suíço Philippe Perrenoud, o canadense Clermont Gauthier, o inglês Lawrence Stenhouse (1926-1982), além dos brasileiros Fernando Becker, Menga Ludke, Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, Lizete Shizue Bomura Maciel e Paulo Freire (1921-1997).

Quando no primeiro dia de aula indaguei aos 30 alunos presentes o que era pesquisa, a surpresa foi geral, pois poucos (tímidos) balbuciaram algumas palavras, associando o termo pesquisa em duas vertentes distintas: a primeira, associava pesquisa a laboratórios, camundongos, vacinas, modernas tecnologias e elevados investimentos de tempo e dinheiro; e a segunda, associando à pesquisa a fonte de atualização de conhecimentos e aquisição de novos conhecimentos. Neste momento, nada melhor que um bom dicionário para iniciar a discussão. Houaiss (2007, p. 2200) esclarece que pesquisa é o “conjunto de atividades que tem por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário, artístico, etc.”. Etimologicamente, a palavra pesquisa tem sua origem no latim *perquirere*, que significa “buscar com cuidado, procurar por toda a parte, informar-se, inquirir, perguntar, indagar profundamente, aprofundar”.

Maciel (2004) indagou a estudantes de graduação do último ano do curso de Pedagogia, o que era pesquisa na formação do professor, e obteve respostas vazias, pois os respondentes deram ênfase à sua importância, porém, sem conseguir elaborar uma idéia do que era pesquisa. As respostas de outros pesquisados por Maciel (2004, p. 102-104) foram similares às que obtive em sala de aula com mais de 30 alunos de pós-graduação, com opiniões que acrescentaram a importância da atividade de leitura e da necessidade de orientação, na figura do orientador.

A professora da Universidade Estadual de Maringá (PR), sintetiza a importância da pesquisa na formação docente quando afirma que:

[...] o ensino sem pesquisa é que está morrendo, por si só, pois não há produção do conhecimento novo, mas apenas reprodução do que já foi produzido e produzido por outro. [...] Torna-se essencial que o professor qualificado seja aquele que faça



da pesquisa o seu cotidiano profissional. [...] O professor necessário, hoje, é aquele que possibilita aos alunos grandes momentos de reflexões, de articulações entre o escrito e o interpretado, entre o teorizado e o real. (MACIEL, 2004, p. 97 e p. 111).

Um outro pesquisador brasileiro sobre o tema, Fernando Becker, doutor em psicologia escolar e desenvolvimento humano, define com propriedade a diferença entre pesquisador no sentido estrito e no pesquisador no sentido amplo. No sentido estrito, explica o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é a pesquisa que se realiza no Brasil em programas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, realizada por docentes universitários, mediante a elaboração de cuidadosos projetos de pesquisa, envolvendo pesquisas laboratoriais e pesquisas de campo. Tais pesquisas exigem dedicação, tempo, recursos elevados que podem ser providos por agências financiadoras como a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Os resultados destas pesquisas são divulgados em eventos científicos, nos anais destes eventos e em revistas especializadas (BECKER, 2007, p. 11-12).

A pesquisa no sentido amplo é aquela realizada pelo professor não para ser pesquisador, mas para ser plenamente professor, pois pesquisar faz parte da função docente, construindo e reconstruindo conhecimentos. De acordo com Becker (2007, p. 13-14) tanto professor como aluno devem ser compreendidos como sujeitos epistêmicos; sujeitos que constroem conhecimento. O conhecimento como capacidade não está pronto, cabendo a cada indivíduo construí-lo para si. Ademais, o professor continua aprendendo e ampliando sua capacidade de conhecer, de aprender conteúdos mais complexos. Becker esclarece que:

Um pesquisador não precisa ser professor. Acontece que as funções de pesquisa e de ensino cruzam-se, na prática, de forma muito íntima. Por isso, falamos do pesquisador que é, também professor para distingui-lo do professor que é, também, pesquisador; isto é, o pesquisador lato sensu ou sentido amplo. (BECKER, 2007, p. 12).

1. Primeira pesquisa com alunos da pós-graduação: memorização

Sempre ouvi dizer que os percentuais 20, 30 e 50 estão diretamente associados com a utilização dos sentidos humanos no processo de ensino-aprendizagem. Fala-se que, em média, uma pessoa retém cerca de 20% daquilo que ouve; 30% daquilo que ouve e vê; e 50% do que ouve, vê e pratica. A teoria de que o nível de retenção de informação é maior quando se utiliza de forma integrada outros sentidos humanos, parece ser óbvia, pois acrescenta-se a visão à audição e outros estímulos mentais e motores.

Duas indagações são procedentes: a primeira, se estes percentuais são realísticos; e a segunda, discutir se retenção de informação (memorização) significa efetivamente aprender. Assim, efetuei



uma pesquisa em classe com duas turmas distintas, a fim de buscar algumas evidências. Para tanto, foi preparado um teste de retenção de informação para os alunos com trinta palavras, englobando: nome de frutas, nomes de países, estados brasileiros, personagens históricos, festas populares, nome de brinquedos, materiais escolares, etc. Durante a realização da pesquisa, destas trinta palavras, dez foram somente faladas, dez foram faladas e tiveram sua imagem projetada em sala de aula e as outras dez foram faladas, tiveram sua imagem projetada e os alunos escreveram o nome da figura que viam em papel de apoio. Estes grupos de palavras tinham grau de dificuldade similar e distribuição equivalente em termos de conteúdos. Evidentemente, a seqüência de apresentação das trinta palavras foi totalmente aleatória. Passado um período de tempo, utilizei um intervalo para café para forçar uma pausa, os alunos foram convidados a escrever em uma folha de papel todas as palavras que conseguiram memorizar das trinta que lhes foram apresentadas.

Para a primeira turma, intencionalmente, não foi explicado que os participantes deveriam memorizar o maior número de palavras possível, ou seja, desconheciam os objetivos da dinâmica. Os resultados indicaram: 5% de retenção para as palavras que foram somente ouvidas, 10% para as ouvidas e vistas e 45%, para as ouvidas, vistas e escritas. Na segunda turma, informou-se antecipadamente que o objetivo da dinâmica era memorizar o maior número de palavras. Os resultados obtidos foram de 18%, 32% e 47% para os três agrupamentos já descritos.

Comparando-se os resultados obtidos entre as duas turmas (cada uma com 20 alunos), pôde-se concluir que a intenção do estudante é fator relevante na memorização, ou seja, o "querer" foi algo considerável nos resultados obtidos, pois os índices da primeira turma ficaram aquém da segunda turma, que foi previamente informada da intenção de memorizar as palavras. A segunda conclusão é que os 18%, 32% e 47% (obtidos na segunda turma) são totalmente aderentes ao tradicional e disseminado modelo 20%-30%-50%, ou seja, quanto mais sentidos e estímulos forem utilizados, melhor é a memorização de informações pelo estudante.

Esta pesquisa foi efetuada no segundo semestre de 2007 na instituição de ensino superior de São Paulo com alunos de pós-graduação do curso de "Formação de professores para o ensino superior". A fim de validar os resultados obtidos, no primeiro semestre de 2008, repeti esta experiência nesta mesma instituição com outros 19 alunos do mesmo curso, obtendo como resultados: 12%, 17% e 38%. No segundo semestre de 2008, em outra instituição de ensino superior, esta pesquisa foi efetuada com 58 alunos do curso de pós-graduação em Gestão Estratégica de Projetos, nas cidades de São Paulo e São José dos Campos (SP), sendo que os resultados obtidos mostraram-se aderentes aos anteriores.

Este estudo esteve baseado em retenção de informação, que não implica necessariamente em aquisição de saber, de novos conhecimentos. A informação é condição necessária ao conhecimento, mas não é suficiente. A informação para ser transformada em conhecimento tem que ser interpretada, relacionada com conceitos já assimilados pelo aluno e gerida para que seja efetivamente transformada em conhecimento, em saber, conforme esclarece a pesquisadora portuguesa Alarcão (2003). Esta autora afirma que por isso, a Sociedade da Informação deve ser



chamada de Sociedade do Conhecimento, ou melhor, Sociedade da Aprendizagem.

Neste novo contexto, o aluno de hoje é outro, pois deve ter uma postura mais ativa, deve se envolver nas reflexões e abandonar definitivamente o modelo "pronto para consumo", pois a construção de saberes é única, pessoal e individual, o processo de aquisição e incorporação de novos conhecimentos tem como facilitador seu background. Por outro lado, o professor deixou de ter o monopólio do saber, ou seja, cabe a ele ser o orientador da aprendizagem do aluno, incentivando-o e estimulando-o a pensar, realizar pesquisas, criar situações e ambientes que facilitem a aprendizagem. Como diz Alarcão (2003, p. 31) sobre o professor: "ele é o timoneiro na viagem da aprendizagem em direção ao conhecimento". Assim, a utilização abrangente dos sentidos humanos, de recursos educacionais adequados, de estímulos, através da execução de planos que facilitem o processo de aprendizagem representam o timão, a bússola e o mapa de viagem para que se atinja o destino pretendido.

Becker (2007, p. 20) conclui que o professor pesquisador transforma docência em atividade intelectual cuja empiria (aquilo que ele observa) é fornecida pela atividade de ensino, pela atividade de aprendizagem dos alunos e de sua própria aprendizagem. O autor afirma que muitas vezes as condições são inadequadas, condições didáticas ou carência de condições materiais. Por fim, faz um alerta, para que os professores publiquem suas pesquisas e conclusões, beneficiando com suas experiências, os colegas professores.

2. Uma segunda pesquisa: o que os professores lembram de seus professores

No curso de pós-graduação de formação de professores, a fim de estimular o debate sobre a atividade docente, projetava trechos do filme "O Clube do Imperador", que mostra a vida de um professor de história romana em uma instituição de ensino norte-americana. Anualmente era realizado o concurso chamado "O Clube do Imperador", através do qual, o aluno que demonstrasse maior conhecimento sobre a história romana recebia o título de imperador. Para tanto, havia uma prova escrita que era eliminatória, e em seguida, a prova oral com direito a platéia composta de pais, professores, coordenadores, diretor da instituição e outros alunos. O filme com roteiro de Neil Tolkin (baseado em curta-metragem de Ethan Canin) foi dirigido por Michael Hoffman, e discute sobretudo, aspectos de educação, filosofia e ética. É evidente que os aspectos didáticos utilizados pelo professor, a sala de aula com mapas, estátuas, inscrições esculpidas em madeira e uso de toga em algumas ocasiões contextualizavam o ambiente, propiciando facilidades no processo ensino-aprendizagem.

Ao final da projeção de trechos do filme, os alunos da pós-graduação debatiam o filme utilizando um questionário pré-elaborado, que direciona a discussão para pontos que julgava relevantes no processo de formação de professores. Para tanto, eram formados grupos de debate com até cinco alunos para que houvesse a participação de todos, e em seguida, a discussão com a classe toda (cerca de 25 alunos). As questões eram exploratórias abordando aspectos didáticos, postura e atitudes do professor diante das dificuldades, bem como, as ações criativas que o professor utilizou em termos de estratégias, táticas e técnicas.



Neste contexto, após o encerramento do debate, os alunos eram convidados a preencher um questionário sobre o(a) professor(a) que foi mais marcante em suas vidas. A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2007 e no primeiro semestre de 2008, com 75 respondentes. Deste total, 29 do sexo masculino (39%) e 46 respondentes do sexo feminino (61%). Uma experiência rica, pois são professores falando de seus ex-professores, os mais marcantes, o que foi significativo para eles, as características, os atributos, as atitudes.

Os alunos do sexo masculino mencionaram 31 professores mais marcantes, dos quais 55% do sexo masculino e 45% do sexo feminino, ou seja, uma distribuição relativamente equilibrada. É importante destacar que alguns alunos mencionaram mais de um professor, enquanto outros não indicaram o sexo do professor, por isso, nem sempre o número de respondentes é idêntico ao número de professores mencionados. Quanto às alunas, observou-se que dos 49 professores mencionados, 80% são do sexo feminino e 20% do sexo masculino. Pode-se concluir que a lembrança do estudante quanto ao professor mais marcante é em 70% do mesmo sexo que o seu (foram 56 do total de 80 citações).

Embora se imaginasse que o professor mais marcante fosse do ensino fundamental, por questões afetivas envolvidas ou mesmo pelo estereótipo que se tem da "Dona Esmeralda" do ensino fundamental, na amostra estudada, o professor mais marcante é do curso superior com 45% das citações; em segundo lugar, o professor do ensino fundamental com 28%, o professor do ensino médio com 21%, e finalmente 6% para os professores de pós-graduação, cursinhos, inglês e cursos técnicos. Vale registrar que a lembrança de professor de curso superior fica em primeiro lugar, tanto para respondentes do sexo masculino como do sexo feminino, respectivamente com 41% e 48%. Em segundo lugar, para os respondentes do sexo masculino aparecem os professores do ensino médio com 35% e para as respondentes do sexo feminino, os professores do ensino fundamental com 35%. Como informação adicional, sabe-se que somente na educação superior o número de docentes do sexo masculino é maior que do sexo feminino (56% e 44%, respectivamente); em todos os outros níveis da educação brasileira, a situação é inversa, com predomínio feminino, pois, segundo dados apresentados por Gentile (2005, p.53), na educação infantil há 98,5% de professores do sexo feminino, no ensino fundamental (de 1ª. a 4ª. séries) 83,5%, no fundamental (de 5ª. a 8ª. séries) 74%, e no ensino médio, 73,6%.

Os resultados da pesquisa realizada foram apresentados na aula imediatamente seguinte. Noto que alunos odeiam realizar provas, mas a primeira coisa que querem saber é a nota que tiraram na prova. De forma análoga, muitos pesquisadores efetuam coleta de dados, analisam os dados, escrevem artigos, apresentam em congressos, mas não dão o feedback à fonte pesquisada! Isto é fundamental para que a instituição, alunos, seja lá quem for, possa saber de sua situação para tomar as devidas ações corretivas. Não informar ao pesquisado sobre o resultado da pesquisa é como um médico que, após realizar uma consulta, pede para que o paciente tome determinado medicamento, porém, sem informar sobre sua situação de saúde.

Quando os respondentes foram indagados sobre as três maiores virtudes do professor mais marcante, os 75 respondentes mencionaram 82 itens distintos. Para manter a fidelidade das



respostas, não foi efetuada nenhuma equalização de conteúdo, mantendo assim, as respostas originais. Dos 82 itens mencionados, os 12 mais apontados pelos respondentes foram: conhecimento (31), comprometimento (11), didática (11), personalidade (8), dedicação, humor e profissionalismo (7 para cada), dinamismo, honestidade e humildade (6 para cada) e, empatia e exigência (5 cada). Estes 12 itens englobam cerca de 50% das respostas.

Nota-se que o item conhecimento foi mencionado por 41% dos respondentes, ou seja, a primeira coisa que o aluno reconhece como importante ao professor é seu "conhecimento". É evidente que outros aspectos são importantes, mas o conhecimento pode não ser condição suficiente para o aprendizado do aluno, mas é condição necessária. A grande fonte de obtenção de conhecimento é a pesquisa. Por isso, o professor precisa além de realizar pesquisas sobre sua especialidade, deve também pesquisar sua prática pedagógica. Lawrence Stenhouse (1926-1982), o inglês considerado o criador do termo "professor pesquisador", afirma que:

Só ensinaremos melhor se aprendermos inteligentemente com a experiência o que resulta insuficiente, tanto na captação do conhecimento que oferecemos, como no modo que oferecemos. (STENHOUSE, 1998, p. 177, tradução minha).

Na finalização da pesquisa realizada com os 75 alunos da pós-graduação, foi solicitado que o respondente enviasse uma mensagem para o professor mais marcante. Embora todas ricas de conteúdo, de emoção, de afeto e de gratidão foram selecionados trechos de 25 mensagens. As frases evidenciam o que educador norte-americano Henry Adams (1838-1918) disse "O professor se liga à eternidade; ele nunca sabe onde cessa a sua influência".

1. Você marcou minha vida...
2. Você foi o exemplo vivo...
3. Sua contribuição na minha formação pessoal e profissional...
4. ...vi a importância do amor à profissão...
5. Gostaria que visse o que acrescentou na minha vida....
6. Grato por ter aberto as portas...
7. ...as coisas que deixou na minha vida além de ensinar a ler e escrever!
8. Deu-me consciência que sempre podemos melhorar.
9. Graças aos seus exemplos, sou hoje uma professora dedicada, reflexiva e pesquisadora.
10. Gostaria de abraçá-los e agradecer muito por tudo...
11. Sempre vejo um pedacinho do senhor em cada um de meus atuais professores...
12. Sua contribuição na minha formação pessoal e profissional...
13. ...que exemplo de profissional que você nos passou!
14. A semente que você plantou em mim....
15. Grato pelo crédito e confiança, por sua dedicação...
16. Agradeço a todos que ensinaram e continuam a iluminar meus passos...



17. Ser professor é antes de tudo, ser pessoa...
18. ...ela me disse que eu seria muito feliz e realizada; gostaria que lhe dizer que sua previsão estava certa.
19. Sinto muito a sua falta...
20. Com você aprendi a ser pessoa...
21. Com você, aprendemos a aprender!
22. As marcas positivas e construtivas são indelévels....
23. Seu exemplo tornou-me um apaixonado pela arte de ensinar enfermagem.
24. Você foi o modelo de profissional e cidadã que escolhi para nortear a minha carreira.
25. Obrigado!

Conclusões

Após a realização da pesquisa sobre memorização dois pontos se tornaram relevantes para minha atuação docente: o primeiro, percebe-se que cabe ao professor estimular cada vez mais os alunos daquilo que será debatido em sala de aula, incentivar, estimular, aproximar de sua realidade, elaborar antecipadamente questões e lançá-las para que tragam a curiosidade, a reflexão e raciocínio, despertando o interesse aos alunos, motivando-os a pensar, discutir, debater e pesquisar. A contextualização (se possível, ambientalização) é fator fundamental neste processo para que exista uma aula dialogada, interativa, participativa fazendo com que o aprendizado seja uma experiência gratificante para todos.

A segunda conclusão desta pesquisa é que cada vez mais a aula "cuspe e giz" tende a morrer. Perdoem-me alguns caros amigos saudosistas, mas gostemos ou não das novas tecnologias, elas vieram para ficar, pois são inerentes a elas as facilidades dos recursos de imagem e a disponibilidade da informação. A nossa juventude já é nativa com as novas tecnologias, demonstrando intimidade, facilidade de uso e integração. É impensável nos dias de hoje, sobretudo nos cursos de graduação, não se utilizar um computador em sala de aula, para pesquisar, para mostrar, para discutir. Sabe-se que a disseminação do uso de computadores e celulares é cada vez mais real na sociedade brasileira. O estudante do período noturno, que é em geral estudante-trabalhador, tem no seu dia-a-dia profissional contato com computador, com e-mails, softwares de mensagens instantâneas, Internet etc. É difícil para ele entender que na sala de aula é um ambiente distante, arcaico, obsoleto, sem imagens, sem possibilidades de se buscar informações atualizadas de forma imediata; a propósito, como afirma Demo (2004, p.117)

Um problema crucial aparece, desde logo, na Universidade, que, como notório paquiderme histórico, não consegue inovar-se no ritmo do conhecimento. A rigor, uma entidade que há um século tem o mesmo currículo, o mesmo professor, o mesmo aluno, a mesma organização institucional, sobretudo a mesma aula, só pode ser um museu. Na verdade, esta alegação é injusta com os museus, que, modernamente, procuram de maneira ávida fazer parte da vida e do futuro das sociedades, enquanto a Universidade tende a ser apenas uma entidade de



resistência. (DEMO, 2004, p. 117).

Na segunda pesquisa apresentada, sobre o professor mais marcante, evidenciou-se que não há receita para ser um bom professor, para se tornar um professor marcante. Percebeu-se pela pesquisa que não há um conjunto de atributos mínimos que garanta isto, pois como afirma Maciel (2004):

Torna-se essencial que o professor qualificado seja aquele que faça da pesquisa o seu cotidiano profissional. [...] O professor necessário, hoje, é aquele que possibilita aos alunos grandes momentos de reflexões, de articulações entre o escrito e o interpretado, entre o teorizado e o real. (MACIEL, 2004, p. 111).

O que se pode notar é que há na relação professor-aluno muito a ser investigado e pesquisado, porém, uma coisa ficou evidente: o "conhecimento" é o alicerce de um professor. Os aspectos de didática, comunicação, humor são relevantes, porém, pelas respostas obtidas, o conhecimento em conjunto com o comprometimento do docente fazem a diferença. O conhecimento se adquire com leituras, estudos e pesquisas, enquanto que o compromisso vem do coração, da vocação.

Bibliografía

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tânia B.I. (orgs). Ser professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 11-20.

DEMO, Pedro. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. In: MACIEL, Lizete S.B.; SHIGUNOV NETO, Alexandre (orgs). Formação de professores: passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2004. p. 113-127.

FREIRE, Paulo. Ensinar exige pesquisa. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GENTILE, Paola. O papel positivo do homem na educação das crianças. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 183, p. 50-53, jun./jul. 2005.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MACIEL, Lizete S.B. A formação do professor pela pesquisa: ações e reflexões. In: MACIEL, Lizete S.B.; SHIGUNOV NETO, Alexandre (orgs). Formação de professores: passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2004. p. 97-112.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



STENHOUSE, Lawrence. La investigación como base de la enseñanza. Madrid: Morata, 1998.

Cibergrafía

TERRIBILI FILHO, Armando. O uso dos sentidos na retenção da informação. Revista Mundo Project Management, 04 set. 2008. Acesso em: 17 jan. 2009, disponível em:
<http://www.mundopm.com.br/noticia.jsp?id=277>

Revista Q

Revista electrónica de divulgación académica y científica
de las investigaciones sobre la relación entre
Educación, Comunicación y Tecnología

ISSN: 1909-2814

Volumen 04 - Número 07
Julio - Diciembre de 2009

Una publicación del Grupo de Investigación Educación en Ambientes Virtuales (EAV),
adscrito a la Facultad de Educación de la Escuela de Educación y Pedagogía
de la Universidad Pontificia Bolivariana, con el sello de la Editorial UPB.



<http://revistaq.upb.edu.co> – www.upb.edu.co

revista.q@upb.edu.co

Circular 1a 70-01 (Bloque 9)
Teléfono: (+57) (+4) 415 90 15 ext. 6034 ó 6036
Medellín-Colombia-Suramérica